

## **Mobiliário urbano e arte pública em tempos de ressignificação do espaço público**

**Josiele Cíntia de Souza Rocha (UFJF, Brasil)**

josiellecintia@yahoo.com.br

**Fernando Araújo Costa (UFRJ, Brasil)**

fernando.costa@fau.ufrj.br

**Antonio Ferreira Colchete Filho (UFJF, Brasil)**

antonio.filho@ufff.br

## **Mobiliário urbano e arte pública em tempos de ressignificação do espaço público**

**Resumo:** O ano de 2020 marcou o início da circulação da doença Covid-19 e uma nova forma de significarmos a vida nas cidades através de um esvaziamento emergencial e estratégico do espaço público. O objetivo desse artigo é analisar como o mobiliário urbano e a arte pública se notabilizam nesses tempos de pandemia como evidências materiais e simbólicas para se pensar em novas e antigas questões sobre a importância do espaço público para a constituição da esfera pública. Através de revisão de literatura, seleção de notícias nas mídias e na observação sistemática da vivência nos espaços, verifica-se que o mobiliário urbano e a arte pública se tornam peças-chave em ações recentes que se dão nos espaços públicos de várias cidades mundo afora, seja com a criação de novos elementos para suprir demandas por higienização, abrigo às intempéries e, sobretudo, para reivindicar a dimensão subjetiva como no caso da retirada de monumentos e esculturas de personalidades históricas controversas. Conclui-se que esse conjunto diversificado de elementos urbanos reivindica ao espaço público sua condição de arena para discussão de questões sociais que nele ampliam o status democrático.

**Palavras-chave:** Mobiliário Urbano; Arte Pública; Esfera Pública; Cidade Contemporânea.

## **Urban furniture and public art in times of redefinition of public space**

**Abstract:** *The year 2020 marked the beginning of the circulation of the Covid-19 disease and a new way of meaning life in cities through an emergency and strategic emptying of public space. The aim of this article is to analyze how urban furniture and public art stand out in these times of pandemic as material and symbolic evidence to think about new and old questions about the importance of public space for the constitution of the public sphere. Through literature review, selection of news in the media and systematic observation of living in the spaces, it is verified that urban furniture and public art have become key pieces in recent actions that take place in public spaces of several cities around the world, as the creation of new elements to meet demands for hygiene, shelter from bad weather and, above all, to claim the subjective dimension, as in the case of the removal of monuments and sculptures of controversial historical personalities. It is concluded that this diverse set of urban elements claims to the public space its condition of arena for discussion of social issues that enlarge the democratic status.*

**Keywords:** *Urban furniture; Public Art; Public Sphere; Contemporary City.*

## 1. Introdução

Nas últimas décadas, tem-se observado um quadro de debate acerca da cidade contemporânea, principalmente após uma série de experiências que vinculavam o desenvolvimento urbano às atividades econômicas voltadas ao turismo, tais como serviços de viagens, hospedagem, alimentação, transporte por aplicativo, agendas de entretenimento cultural e de lazer. Efetivamente, tais práticas contribuíram para estabelecer um cenário de competitividade entre as cidades, que se configurou como característica do processo de globalização contemporâneo (SASSEN, 1998; CASTELLS, 1999; ARANTES et al., 2000; SÁNCHEZ, 2014). Entretanto, surgiram muitos questionamentos sobre a relação entre os efeitos do desenvolvimento urbano atrelado ao sistema econômico capitalista e competitivo, em grande parte, devido a elitização de áreas que foram objeto de intervenções durante esse processo. Observou-se outros efeitos negativos associados a esse, tais como a valorização da memória coletiva, mas com objetivo único de comercialização da imagem das cidades, transformação do espaço público como demanda externa e não mais como lugar da vida cotidiana e o agravamento da segregação socioespacial. Em resposta a essa dinâmica, surgem novos debates sobre a cidade contemporânea, porém pautados nas demandas da população local, tais como mais eficiência na mobilidade urbana, melhores espaços públicos e melhoria na qualidade de vida. Identificou-se uma série de intervenções urbanas baseadas na ideia de que as cidades precisam ser pensadas para seus cidadãos com projetos de espaços públicos mais flexíveis quanto ao uso e frequência e até a mudanças de demandas (CARMONA, 2018).

Esse cenário ilustrava muito bem o momento acelerado de transformações que as cidades passavam, reverberando no mundo como um todo. Entretanto, em março de 2020, o mundo fica paralisado com a rápida disseminação do vírus SARS-CoV-2 (Coronavírus), responsável pela doença Covid-19, totalmente desconhecida pela comunidade científica naquela altura. Exatamente devido ao desconhecimento do vírus, em um primeiro momento, as autoridades sanitárias orientaram o imediato isolamento social e os espaços públicos urbanos foram rapidamente esvaziados. À medida que os cientistas iniciaram pesquisas sobre o coronavírus, foi possível entender a dimensão e velocidade de disseminação do vírus, de forma que as ações das autoridades sanitárias passaram a orientar sobre a importância e eficácia das medidas de higiene, uso de máscaras de proteção e distâncias seguras. Com efeito, essas orientações determinaram novas formas de comportamento no ambiente privado e no espaço público, alterando a vida cotidiana de toda a população, mas, que merece mais atenção nos espaços onde a vida coletiva acontece. É importante destacar que, àquela altura, mais de

95% dos casos registrados de Covid-19 se concentravam em áreas urbanas, onde, naturalmente, um número maior de pessoas circulam e socializam, contribuindo para relações coletivas mais intensas (UN-Habitat, 2020). Esse dado indica que se tratou de uma pandemia de caráter urbano, implicando na necessidade de se pensar estratégias de combate e controle do contágio principalmente nos espaços públicos das cidades, portanto, uma nova realidade está em debate.

Além de questões referentes ao uso mais seguro dos espaços públicos, observa-se, especialmente, as novas formas de compreensão da mobilidade urbana, cujo enfoque, momentaneamente, voltou-se ao transporte individual – mesmo que distintamente de meados do século passado, marcado pelas diretrizes do urbanismo modernista. No debate atual, os deslocamentos por meio de veículos motorizados individuais não se apresentam mais como o grande motor do desenvolvimento das cidades, e sim como alternativa à situação precária dos transportes coletivos públicos, principalmente nos países mais pobres. Destaca-se, ainda, a problemática daquelas cidades com maior concentração de grupos em situação de vulnerabilidade social, cujos meios de transporte público coletivo encontram-se sucateados e sequer dispõem da opção de transporte particular para médias e longas distâncias à serviço da grande maioria de sua população.

Assim, com o agravamento da vulnerabilidade de diversos grupos sociais urbanos durante a pandemia decorrente, principalmente, da perda de muitos postos formais de trabalho, um número progressivo de pessoas passou a circular em busca de qualquer tipo de ocupação para suprir as necessidades mínimas de suas famílias, apesar das restrições sanitárias estabelecidas (UN-Habitat, 2020). De fato, essa situação merece uma atenção maior do que a recebida até o momento, pois pouco observou-se de efetiva ação sobre as populações mais vulneráveis, com exceção de gestos pontuais de instituições da sociedade civil, grupos religiosos e organizações humanitárias. Essas questões referentes à vulnerabilidade econômica e social e que refletem diretamente na desigualdade e desinformação já estavam presentes, apenas se mostraram mais latentes com a pandemia (Krieger et al., 2020).

Os desafios impostos pela pandemia foram grandes, desde a imunização completa da população mundial, o combate a desigualdades econômicas e sociais, e a melhoria da qualidade de vida nas cidades. Entretanto, na contramão da tendência de esvaziamento dos espaços públicos, sequela do isolamento e distanciamento social, bem como das incertezas impostas por essa nova realidade, verifica-se o surgimento de novos cenários, que são oportunidades de apropriações físicas e simbólicas onde o sentimento de pertencimento, agora, encontram seu lugar nos elementos urbanos. Nesse sentido,

propõe-se no presente trabalho algumas reflexões sobre como a presença de mobiliários urbanos e a arte pública assumem, no imaginário popular, um protagonismo referencial-simbólico para além de suas características físicas marcadas por certa funcionalidade, alcançando sentidos anteriormente desconhecidos, como a conscientização e a sensibilização para a vida nos tempos de pandemia. Para alcançar o objetivo proposto, a metodologia empregada envolve a revisão de literatura, a seleção de notícias publicadas em mídias diversas, desde 2020, bem como pesquisa empírica, com a observação sistemática e vivência (cautelosa) em espaços públicos. A metodologia norteou a estruturação deste artigo em duas partes: o destaque para o espaço público, abordado no contexto da pandemia e, em um segundo momento, o destaque para o espaço público como lugar de abrigo e trânsito simbólico de uma população excluída e vulnerável, lugar da discussão da esfera pública. Em ambas abordagens, há a evidência do mobiliário urbano, da arte pública e do espaço público como temas de reflexão.

## **2.O espaço público na pandemia**

Diante do espanto de uma crise histórica mundial sem precedentes recentes, o espaço público se tornou um lugar perigoso. Em contrapartida, em países mais pobres clivados pelo déficit habitacional, ficar em casa mostrou-se um luxo. De fato, esse cenário provocado pela pandemia da Covid-19 serviu para expor a desigualdade social, a exemplo do Brasil, onde, de acordo com pesquisa da Fundação João Pinheiro (2021), em 2019, tal carência atingiu 5.876.699 moradias, cerca de 8% do total de domicílios particulares permanentes. É importante ressaltar que o déficit habitacional é composto por 3 índices: (a) habitação precária; (b) coabitação; e, (c) ônus excessivo com aluguel. Destaca-se a participação dos índices habitação precária e coabitação, por se tratar de situações relativas às condições de habitabilidade e por representarem quase 50% da composição de tal déficit. Nesse cenário, 25,2% se referem à habitação precária, considerada rústica ou improvisada, ou seja, com deficiências nas condições de habitabilidade, em grande parte, decorrente de suas condições insalubres. O índice coabitação, que representa 23,1%, se refere a moradias em cômodos, tais como cortiços ou casas de cômodos e por unidades que surgem a partir de habitação estendidas e compostas por familiares com parentesco descendente do responsável pelo domicílio. De fato, essa composição se refere a situações inadequadas de moradia, seja pelas condições ambientais como infraestrutura deficiente ou inexistente ou pelas características construtivas como materiais improvisados, seja pelo quantitativo excessivo de pessoas habitando um mesmo cômodo. Essa situação reflete na necessidade de uso do espaço público, como uma

alternativa às más condições do ambiente privado, suprindo, de alguma forma, aquilo que é ausente ou deficiente na moradia. Nesse sentido, parques públicos e praças tornaram-se uma espécie de extensão da casa, bastante necessária a uma população que vive em situação precária, seja em relação às condições de moradia, quanto ao conjunto edificado das comunidades sem infraestrutura urbana, ventilação e insolação adequadas.

Diante daquele cenário pandêmico, uma das principais medidas para conter a proliferação do coronavírus foi o distanciamento e o isolamento social, ou seja, uma indicação para as pessoas ficarem em casa e evitarem aglomerações nos espaços coletivos privados ou públicos. Com efeito, o quadro provocado pela pandemia Covid-19 colocou em xeque, dentre muitas questões, a situação de moradia nos países mais pobres, onde o espaço público era visto como uma espécie de alento para as famílias precárias. Entretanto, em tempos de isolamento social, a falta que o espaço público faz não ficou restrito aos países mais carentes, provocando uma série de discussões entre os arquitetos e urbanistas. A crise sanitária se apresentou como mais uma oportunidade para estes profissionais pensarem nos espaços públicos urbanos projetando alternativas para uso coletivo das cidades (Honey-Roses et al., 2020). Ao debaterem sobre os efeitos da pandemia, apresentam a necessidade de um refinamento de nossas práticas, mas sem uma transformação profunda, além de se criar um vocabulário ou tipologia, que incorpore dimensões como “densidade social, distâncias, aglomeração ou riscos à saúde pública” às representações de lugares (HONEY-ROSES et al., 2020). Carmona (2018) corrobora com essa noção de adaptabilidade nas práticas urbanas ao apresentar a emergência de projetos que sejam capazes de adaptar às mudanças, inclusive àquelas ainda desconhecidas, de demandas da sociedade. Entretanto, Gehl Architects (2020), ao publicarem uma pesquisa realizada em 68 países entre os meses de março e abril de 2020, apontaram a necessidade de os projetistas observarem as diversas circunstâncias e perspectivas principalmente quanto ao acesso aos espaços livres de qualidade em todas as escalas da cidade. De fato, observa-se, nos últimos dois anos, uma série de propostas de adequação do espaço público ao novo cenário imposto pela pandemia, norteadas por estratégias de distanciamento social.

As adequações de caráter emergencial utilizadas como estratégias para viabilizar as atividades ao ar livre durante o período pandêmico passaram a ser colocadas em prática em diversas cidades. Observou-se uma série de iniciativas em parques em cidades como Nova Iorque, Milão, Lisboa e Bristol utilizando-se demarcações no chão para o uso e permanência de pequenos grupos. Essas demarcações ao obedecerem às distâncias recomendadas pelas autoridades sanitárias criavam uma espécie de “bolhas sociais”, a exemplo

de parques também no Brasil. No início do mês de julho de 2020, os parques do Carmo, do Povo, do Burle Marx e Ibirapuera, situados na cidade de São Paulo, reabriram com demarcações de “bolhas sociais” no gramado para evitar as aglomerações e com outras medidas sanitárias como interdição de parquinhos infantis e bebedouros, proibição de eventos coletivos e uso obrigatório de máscara (MENGUE, 2020). Destaca-se, também, a proposta de adaptação dos espaços públicos para o uso mais seguro do Plano Integral e Gradual de abertura do município de Buenos Aires, Argentina. Em setembro de 2020, uma nova etapa do plano foi publicada no formato de um guia para uso de áreas como extensões de estabelecimentos de atividades gastronômicas. Esse guia teve como objetivo orientar o retorno mais seguro das atividades de bares, cafés, lanchonetes e restaurantes por meio de uma série de opções de arranjos de mesas e cadeiras no espaço público como forma de ampliar a área de atendimento obedecendo o distanciamento social. Dessa forma, os estabelecimentos comerciais gastronômicos podiam ampliar suas áreas de atendimento ao público em sua calçada, na via em sua frente, em praças secas e esplanadas, nas áreas centrais em avenidas ou em calçadas de praças e parques (NUEVOS, 2020).

Em 2020, à medida que o vírus atingia a escala global, outras ações sanitárias foram tomadas para promover o uso mais seguro dos espaços públicos, como a desinfecção das ruas e de mobiliários urbanos. Observou-se que essa demanda foi respondida prontamente por empresas especializadas de higienização existentes, ofertando serviços de desinfecção por processos variados como pulverização, aspersão e bio-limpeza. Assim como foi necessário adequar e melhorar as condições de uso dos ambientes e elementos urbanos, surgiram propostas de criação de novos mobiliários para contribuir no combate ao avanço da pandemia. A exemplo dos mobiliários de desinfecção, uma empresa situada na cidade de Curitiba, Brasil, em parceria com o arquiteto e urbanista Felipe Guerra, desenvolveu o projeto de cabines de desinfecção que, por meio de sensores de presença, acionavam uma série de aspersores que lançam em seu interior o desinfetante concentrado “*Indagerm 5G*” (Mobiliário, 2020). Destaca-se, ainda, o projeto do arquiteto brasileiro Leonardo Dias, que venceu o concurso de projeto de produtos e equipamentos “*Coronavirus Design Competition*”, em 2020, na categoria voto popular. O projeto é de um equipamento que desempenha três funções: (a) higienização das mãos e medição da temperatura corporal; (b) totem informativo com publicação de medidas preventivas; e, (c) memorial homenageando as vítimas da covid-19 (ELEITO, 2020). O equipamento projetado pelo arquiteto Leonardo Dias foi batizado de “Totens Urbanos-Memorial Pró-Saúde” e foi instalado em 17 pontos na cidade de São Paulo, em 2020, como medida

de combate à pandemia (Equipe, 2020). Notam-se iniciativas similares desenvolvidas por todas as partes do globo, na tentativa comum de viabilizar a circulação nos espaços públicos de maneira mais segura.

As ações implementadas como resposta às novas circunstâncias desdobradas pela pandemia foram além da adequação e melhoria dos espaços públicos no sentido de torná-los mais seguros, identificou-se algumas práticas que demonstram intenções de ressignificá-los. Nota-se que essas ações não consistem em ressignificar o espaço público em seu sentido pleno, ou seja, dar novo significado àquilo que se perdeu, mas com a intenção de contextualizá-lo diante daquela pandemia. Tal contextualização, recorrentemente, materializou-se por meio de ações efêmeras como a confecção de painéis artísticos com mensagens relativas ao momento, a exemplo do mural “*Faces of COVID-19*” em espaços públicos de regiões carentes de Quito, Equador (HARROUK, 2021). Em 2020, a prefeitura de São Paulo também havia colocado em prática ações relacionadas às medidas de prevenção agregando máscaras a alguns monumentos. Foram escolhidos importantes monumentos espalhados pela cidade tais como Monumento às Bandeiras, estátua da Praça IV Centenário, estátua de Pedro Álvares Cabral, estátua de Faria Lima, estátua de Nicolau Scarpa, estátua de Mário de Andrade, estátua do Borba Gato, Monumento Francisco de Miranda, busto de Mário de Andrade, Monumento Anhanguera, estátua de Luiz Gama, estátua de Luiz Lázaro, estátua do Índio Caçador, estátua de Adoniran Barbosa e estátua de Baden Powell (Monumentos, 2020). Essas ações tiveram a função de incentivar a reflexão e a conscientização dos transeuntes sobre a importância das medidas de prevenção no combate à pandemia. Destaca-se, ainda, outra forma de ressignificação do espaço público, por meio de esculturas que representam a união apesar das circunstâncias difíceis impostas pelo momento. Em fevereiro de 2021, a cidade do Rio de Janeiro recebeu as instalações artísticas que fazem parte do projeto itinerante “Rio de Mãos Dadas” em dois momentos: (i) exposição de 10 esculturas compostas por um par de mãos separadas, que, (ii) em uma segunda etapa da mostra, se unem para simbolizar a esperança por meio do retorno de contatos e reencontros após um ano de isolamento e distanciamento social. Essa exposição itinerante esteve em 20 lugares diferentes da capital fluminense durante os meses de fevereiro e março de 2021, e, posteriormente, passaram a circular pelas cidades do estado do Rio de Janeiro (RIO, 2021).

Percebe-se que essa maneira de contextualizar o momento pandêmico através do estímulo à percepção, no compartilhamento de informações e homenagens no espaço público tem a capacidade de criar processos que reverberam nos observadores estimulando discussões sociais. Com efeito,

esses elementos urbanos, mesmo as experiências efêmeras, promovem relações afetivas e contribuem para a construção simbólica do espaço público como forma de fortalecer a identificação com os lugares na cidade. Esse processo identitário está relacionado à noção coletiva de imagem, ou imaginária urbana, que articula espacial e temporalmente os conteúdos sociais (KNAUSS, 1998; COLCHETE FILHO, 2003). A partir dessa perspectiva, observa-se que, mesmo ao atribuir outras informações ou mensagens a esses elementos urbanos, não há uma mudança no papel simbólico desempenhado por esses, mas uma resignificação da noção de representação e símbolo ali existente. Assim, observa-se que as ações pautadas nos elementos urbanos se mostraram relevantes não apenas para conscientização da população no cenário pandêmico, mas pela possibilidade de resignificação, ao introduzir outras funções como higienização, desinfecção, que discutem os tempos de isolamento, distanciamento e acesso à informação. Assim, há a ampliação das interações sociais nos espaços públicos.

### **3. Espaço público como abrigo**

Desde o início da pandemia no Brasil, pôde-se observar uma grande precarização da qualidade de vida urbana e o agravamento dos níveis de desigualdade social. Insegurança alimentar, redução da mobilidade e a falta de artigos básicos de higiene, por exemplo, configuraram algumas das muitas dificuldades enfrentadas pelas populações mais vulneráveis, em especial, habitantes das zonas menos infraestruturadas da metrópole. À medida que a pandemia da Covid-19 se espalhou pelas favelas, ocupações irregulares, periferias e áreas interioranas do país, “escancarou a perversa desigualdade social e econômica entre as classes sociais, naturalizada e aceita por grande parte da sociedade e das instituições do Estado, o que representa uma barreira às recomendações de higiene básica, distanciamento físico e permanência em casa” (INFORME ENSP, 2020). Além disso, cabe ressaltar o ingrediente perverso que soma-se à problemática da crise climática global. Ondas de calor excessivo em zonas temperadas do hemisfério norte, invernos rigorosos no hemisfério sul, períodos prolongados de seca e o fogo que arrasa extensas porções de florestas e bosques, chegando inclusive em áreas urbanas, expuseram, consideravelmente, os mais vulneráveis a condições extremas. Neste cenário, é patente a falta de infraestruturas básicas como sistemas de calefação e refrigeração, além da precária condição de pessoas em situação de rua.

Logo, o espaço público emerge como provisor de uma série de condições básicas à contenção da pandemia de Covid-19, ressaltando-se, aqui, o papel operante dos mobiliários urbanos tanto na contenção e manutenção do

distanciamento social quanto no oferecimento de recursos como água, álcool em gel e informações (ROCHA; COSTA; COLCHETE FILHO, 2021; JESUS; MENDES; COLCHETE FILHO, 2020). Como estratégias, o poder público, entidades da sociedade civil e ONGs conceberam novos mobiliários bem como adaptaram aqueles existentes. O primeiro grupo compreende propostas advindas de concursos de ideias vinculadas ao design, isto é, o desenho de novas tipologias para o mobiliário urbano que dêem conta de fornecer aquilo de mais básico para o enfrentamento da pandemia, os insumos de higiene pessoal que os mais vulneráveis não têm condições de adquirir, como álcool e máscaras. No segundo grupo, destacam-se medidas paliativas e improvisadas como o cercamento ou interdição de espaços públicos e de seus mobiliários, dessa maneira, evita-se a formação de aglomerações, uma vez que os transeuntes ficam impossibilitados de usufruir plenamente do conjunto de mobiliários existente.

Do olhar sobre o espaço público como abrigo às necessidades de uma população carente de serviços, emerge, pois, um questionamento acerca da reivindicação de seus próprios direitos. Além de buscar infraestruturas básicas para concepção de um espaço público igualitário, pensa-se a liberdade integral de compor os espaços públicos como palco para diálogos e discussões onde todos possam sentir-se representados. Como reflete o *zeitgeist* dessa era pandêmica, ademais da necessidade de ocupar os espaços públicos com uma diversidade de corpos e origens, é necessário ajustá-los à construção de novas narrativas que excluam processos históricos de supressão de liberdades individuais, pavimentando as bases para a difusão de novas perspectivas que acolham os processos de conformação histórica e cultural de uma determinada sociedade. A partir desse entendimento de que é necessária uma construção coletiva de cidade, identificou-se alguns exemplos de práticas voltadas para unir temáticas diversas em busca de uma mudança social, como a campanha “Bosques da Memória”. O objetivo do projeto é incentivar o plantio de árvores recuperando áreas urbanas degradadas, homenagear os profissionais da saúde à frente no combate à Covid-19 e lembrar de suas vítimas fatais. Destaca-se, aqui, a ação que aconteceu nos dias 12 e 13 de junho de 2021, na Alameda Sandra Alvim da cidade do Rio de Janeiro, que é uma área de recuperação ambiental adotada pela sociedade civil. Após um processo de transformação que completa três anos, a antiga área suja, escura e degradada do Recreio dos Bandeirantes, hoje é um parque urbano de preservação de restinga (MUTIRÃO, 2021).

Em meio a pandemia, diversos movimentos preencheram os espaços públicos com suas reivindicações centradas na ruptura de narrativas hegemônicas e excludentes. Grupos organizados antirracismo promoveram

protestos, inicialmente nos Estados Unidos, e que se espalharam pelo mundo, alcançando resultados interessantes como a deposição de monumentos, bem como a ressignificação de tantos outros. No Brasil, na Avenida Paulista próximo ao Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, inscreveu-se o chamado “Vidas Pretas Importam”, em protesto contra a morte de João Alberto Silveira Freitas em um hipermercado em Porto Alegre, RS.

Outro grupo que ganhou voz nos espaços públicos intermediado por produções artísticas foi o das vítimas da Covid-19. De caráter efêmero ou permanente, pôde-se observar em diversas cidades brasileiras iniciativas de rememoração daqueles que perderam suas vidas devido à inépcia do poder público e pelo bombardeamento de informações descruzadas e falsas. O número desalentador e desumanizante registrado pelo Brasil foi explorado em projeções, performances e mesmo materializados em contra monumentos. Portanto, o espaço público, protagonista inequívoco da vida urbana, teve algumas de suas competências ressaltadas ao longo do período pandêmico. Além de prover “abrigo” ou “zonas de proteção mínima” aos mais vulneráveis, seguem como plataforma aos questionamentos de uma sociedade em constante transformação e agravamento progressivo da desigualdade social.

#### **4.Considerações finais**

A pesquisa hemerográfica e empírica revelou múltiplas facetas dos espaços públicos em diversas cidades em tempos de pandemia. Algumas iniciativas se destacaram pela presença de elementos urbanos e artísticos que têm conseguido agregar pessoas e valores pautados em ações em prol da vida. A apropriação dos espaços públicos se apresenta como a melhor estratégia na busca pela qualidade de vida nas cidades e a sua ressignificação se mostra como o caminho para essa conquista. De fato, as experiências apresentadas se mostram como referências positivas e possibilidades viáveis e reais no processo de construção de cidades com espaços públicos ressignificados. E mais, as crises, sejam sanitárias, ambientais, políticas, econômicas ou de segurança se apresentam como uma convocação para que se reexamine a maneira como agimos e vivemos. Para os planejadores urbanos, gestores, arquitetos e urbanistas o momento atual é uma oportunidade para rediscutir e repensar as cidades em prol de novas diretrizes para transformação do ambiente urbano e melhoria da qualidade de vida de sua população, vulnerável, sobretudo.

Nos espaços públicos ocupados pelos sujeitos, à arte pública e ao mobiliário urbano somam-se camadas de subjetividade capazes de provocar tanto estreitamentos quanto distanciamentos. Uma leitura individualizada desses espaços revela angústias, temores, esperança, desejos, e um sem-número de

imagens mentais. Neste período pandêmico, o indivíduo apartado de seus espaços de convivência e lazer na cidade foi chamado a refletir e questionar o quão democráticos estes podem ser. O isolamento geral e irrestrito expõe a todos, as dificuldades de grupos que vivem às margens da urbe e, geralmente, não desfrutam plenamente dessa infraestrutura. No entanto, cabe ressaltar que a exclusão de histórias, narrativas e corpos nos espaços públicos não está apenas relacionada à barreira física, da matéria, indo além, tangenciando a seara da psicologia ambiental. Dessa maneira, as manifestações artísticas e as intervenções ocorridas em monumentos e mobiliários urbanos revelam o desejo pela coletivização plena dos espaços públicos e da segurança sanitária de todos os indivíduos que circulam pela cidade, ressignificando esses elementos urbanos e atrelando aos espaços públicos, mesmo que paradoxalmente, a noção de abrigo.

## 5. Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

## Referências

ARANTES, O. et al. **A cidade do pensamento único: desmanchando conceitos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CARMONA, M. Principles for public space design, planning to do better. **URBAN DESIGN International**, Berlim, ago 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/327151488\\_Principles\\_for\\_public\\_space\\_design\\_planning\\_to\\_do\\_better](https://www.researchgate.net/publication/327151488_Principles_for_public_space_design_planning_to_do_better). Acesso em: 25 set 2020.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede. A era da Informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

AUTOR, 2003.

DESIGUALDADE social e econômica em tempos de Covid-19. **Portal Fiocruz**, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/desigualdade-social-e-economica-em-tempos-de-covid-19>. Acesso em: 13 set 2021.

ELEITO pelo público: arquiteto brasileiro vence competição internacional de design. **Revista Projeto**, 28 jun 2020. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/noticias/eleito-pelo-publico-arquiteto-brasileiro-vence-competicao-internacional-de-design/>. Acesso em: 07 set 2021.

EQUIPE ArchDaily Brasil. São Paulo recebe totens urbanos de conscientização, higienização e memorial às vítimas da Covid-19. **ArchDaily Brasil**, 22 set 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/948133/sao-paulo-recebe-totens-urbanos-de-conscientizacao-higienizacao-e-memorial-as-vitimas-da-covid-19>. Acesso em: 28 jan 2021.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Deficit habitacional no Brasil – 2016-2019**. Belo Horizonte: FJP, 2021.

GEHL ARCHITECTS. **Public Space & Public Life during COVID 19**. Copenhagen, 2020. Disponível em: <https://covid19.gehlpeople.com>. Acesso em: 22 jul 2020.

HARROUK, C. 12 Strategies to build more resilient cities in times of pandemic. **ArchDaily**, 01 jun 2021. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/961294/12-estrategias-para-construir-cidades-mais-resilientes-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 01 set 2021.

HONEY-ROSES, J. et al. The Impact of COVID-19 on Public Space: A Review of the Emerging Questions. **OSF Preprints**, Charlottesville, 21 abr 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31219/osf.io/rf7xa>. Acesso em: 22 jul 2020.

JESUS, K; MENDES, T; COLCHETE FILHO, A. O Mobiliário Urbano e a Pandemia de Covid-19: o acesso a água para a população em situação de vulnerabilidade social. *Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades*, v. 8, p. 15-22, 2020.

KNAUS, P. **Imagens urbanas e poder simbólico; esculturas e monumentos públicos nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói**. 1998. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.

KRIEGER, M.; et al. Desigualdade Urbana e Redes de Solidariedade: as periferias e as favelas no enfrentamento à pandemia. **Estadão**, São Paulo, 25 maio 2020. Disponível em: [https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/desigualdade-urbana-e-redes-de-solidariedade-as-periferias-e-favelas-no-enfrentamento-a-pandemia/?utm\\_source=estadao%3Afacebook&utm\\_](https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/desigualdade-urbana-e-redes-de-solidariedade-as-periferias-e-favelas-no-enfrentamento-a-pandemia/?utm_source=estadao%3Afacebook&utm_)

MENGUE, P. Quatro parques de SP adotam ‘ilhas de distanciamento’ para evitar aglomerações. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 23 jul 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/>

geral,quatro-parques-de-sp-adotam-ilhas-de-distanciamento-para-evitar-aglomeracoes,70003374029. Acesso em: 01 set 2021.

MOBILIÁRIO urbano ganha soluções com a pandemia. **GDia**, Foz do Iguaçu, 14 maio 2020. Disponível em: <https://gdia.com.br/noticia/mobiliario-urbano-ganha-solucoes-com-a-pandemia>. Acesso em: 15 ago 2020.

MONUMENTOS da cidade de São Paulo ganham máscaras de proteção contra Covid-19. **CNN Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/05/12/monumentos-da-cidade-de-sao-paulo-ganham-mascaras-de-protacao>. Acesso em: 28 set 2020.

MUTIRÃO de voluntários prepara Alameda Sandra Alvim para nova cerimônia dos Bosques da Memória. **Rio Prefeitura**, Rio de Janeiro, 6 jul 2021. Disponível em: <https://prefeitura.rio/noticias/mutirao-de-voluntarios-prepara-alameda-sandra-alvim-para-nova-cerimonia-dos-bosques-da-memoria/>. Acesso em: 13 set 2021.

NUEVOS usos del espacio público para locales gastronómicos. **Buenos Aires Ciudad**, Buenos Aires, 2 set 2020. Disponível em: <https://www.buenosaires.gob.ar/espaciopublicoehigieneurbana/noticias/nuevos-usos-del-espacio-publico-para-locales-gastronomicos>. Acesso em: 01 set 2021.

UN-HABITAT. **UN-Habitat COVID-19 Response Plan**. Nairobi: UN-Habitat, 2020. Disponível em: [https://unhabitat.org/sites/default/files/2020/07/1-covid\\_appeal2\\_-\\_porto-2.pdf](https://unhabitat.org/sites/default/files/2020/07/1-covid_appeal2_-_porto-2.pdf). Acesso em: 14 set 2021.

RIO de Mãos Dadas: ‘Mãos gigantes’ se unem nas ruas do Rio de Janeiro. **SESC RIO**, Rio de Janeiro, 26 fev 2021. Disponível em: <https://www.sescrio.org.br/noticias/institucional/rio-de-maos-dadas-maos-gigantes-se-unem-nas-ruas-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 16 mar 2021.

ROCHA, J; COSTA, F; COLCHETE FILHO, A. O espaço público e a pandemia de Coronavírus: O Parque Halfed em Juiz de Fora/MG. *Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades*, v.09, p. 89-99, 2021.

SÁNCHEZ, F. O projeto de cidade para os megaeventos: atores, escalas de ação e conflitos no Rio de Janeiro. In COSTA, M. de L.; SILVA, M. L. P. da. (orgs.) **Produção e gestão do espaço – 10 anos de PPGAU/UFF**. Niterói: FAPERJ; Casa 8, 2014, pp. 359-372.

SASSEN, S. **As Cidades na Economia Mundial**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

---

### Como referenciar

ROCHA, Josielle Cíntia de Souza. COSTA, Fernando Araújo. COLCHETE FILHO, Antonio Ferreira. Mobiliário urbano e arte pública em tempos de ressignificação do espaço público. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, pp. 27-42, jan./2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

-----  
DOI: <https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2024.78876>



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 24/06/2022 | Aceito em 04/08/2022